

A CONVERGÊNCIA DOS MODELOS PEDAGÓGICOS DE TOMÁS DE AQUINO E PAULO FREIRE

THE CONVERGENCE OF THE PEDAGOGICAL MODELS OF THOMAS AQUINAS AND PAULO FREIRE

Elói Maia de Oliveira¹

RESUMO: O objetivo desse artigo é expor brevemente possíveis convergências entre o modelo pedagógico de Tomás de Aquino e o de Paulo Freire. Mesmo com séculos que separam esses dois pensadores, podemos observar através de seus objetivos filosóficos, em relação ao ensino aprendizagem, aproximações de suas didáticas e fins da educação. Tomás, com o advento das universidades no século XIII, apresenta o modelo das chamadas questões disputadas que valoriza o conhecimento externo e o real diálogo com as diversas áreas do conhecimento em busca da realidade verdadeira; E em Paulo Freire notamos a valorização do diálogo entre o educador e o educando para o aprendizado significativo e libertador. Ambos os pensadores, frutos do seu tempo e do seu contexto histórico, abordam semelhantes metodologias e preocupações com a educação, sendo ela, a possibilidade de empoderamento para mudar a realidade do mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Tomás de Aquino. Questões disputadas. Paulo Freire. Diálogo.

ABSTRACT: The purpose of this article is to briefly expose possible convergences between the pedagogical model of Thomas Aquinas and Paulo Freire's. Even with centuries separating these two thinkers, we can observe through their philosophical goals, in relation to teaching learning, their didactics approach and purposes of education. Tomás, with the advent of universities in the thirteenth century, presents the model of so-called disputed issues that values external knowledge and real dialogue with the various areas of knowledge in search of true reality; And in Paulo Freire's approach we noticed the appreciation of the dialogue between the educator and the learner for meaningful and liberating learning. The authors both thinkers, leaders of their time and their historical context, address similar methodologies and concerns with education, and it gives the possibility of empowerment to change the reality of the world.

KEYWORDS: Thomas Aquinas. Disputed issues. Paulo Freire. Dialogue.

INTRODUÇÃO

Comparar um pensador do século XIII com um do século XX não é uma tarefa fácil, mas vale o esforço. Ambos para suas épocas eram pensadores que

¹ Mestre em Filosofia – PPGFIL (UNESP/Marília). Doutorando em Educação – PPGE (UNESP/Marília). Professor da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo na disciplina de Filosofia no Programa de Ensino Integral (PEI) da E.E. Edson Vianei Alves. Vice-presidente do Conselho Municipal de Educação de Marília/SP. eloimaia@gmail.com.

propunham uma visão de educação diferente do seu tempo vigente. Cada um com seu método e formação, mas ambos querendo mostrar as raízes da relação ensino aprendizagem e como se constitui o conhecimento no educando. Tomás de Aquino em sua obra por excelência *Suma Teológica* demonstra a metodologia que a Escolástica ira propor para os educandos, as chamadas questões disputadas, como forma de ensino nas universidades. E séculos à frente, Paulo Freire, com suas obras expondo a sua pedagogia, ressuscitará o método tomista de diálogo com o educando a fim de que o discente seja participativo no conhecimento que o mesmo busca, sendo o professor apenas mediador de sua busca pelo conhecer. Começaremos expondo sobre o pensamento de Tomás de Aquino e posteriormente ao de Paulo Freire e suas convergências.

TOMÁS DE AQUINO

“Expoente máximo entre os escolásticos, [...] Tomás de Aquino elaborou um sistema de saber admirável pela transparência lógica e pela conexão orgânica entre as partes, de índole mais aristotélica do que platônico-agostiniana.” (REALE, 2003, p. 11)². A princípio, não foi visto com bons olhos pela Igreja que compactuava com a visão platônico-agostiniana acerca da filosofia e da teologia, sendo reconhecido posteriormente pelas suas obras. Mas de inteligência inegável, revolucionou o pensamento medieval. Tomás de Aquino já “vislumbrava a emergência de uma nova humanidade, transbordando de sonhos e aspirações de saber e liberdade.” (JOSAPHAT, 2016, p. 20).

Com o advento das universidades no início do século XIII, a velha cristandade feudal foi abalada. Poder-se-ia pensar por que abalada sendo que o ensino da Idade Média era responsabilidade da Igreja Católica com o propósito de formação sacerdotal.

Contudo, havia também escolas comprometidas em transmitir conhecimento sobre a cultura, como as escolas monacais do Ocidente. Neste período, a maioria dos cônegos *scholarius* ou *scholasticus* administravam os estudos das artes liberais (*trivium* e *quadrivium*) vinculados ao sagrado, porém a influência da Igreja sobre o ensino limitava o conhecimento das outras ciências ocasionando na reação contrária de professores e alunos a dominação eclesiástica de ensino. Essa reação dos professores e alunos recebeu o nome de *universitas* originando depois a palavra universidades que foi constituída pelas faculdades de artes (Filosofia), Direito, Medicina e Teologia. (TEIXEIRA, 2016, p. 36).

Um dos antecessores de Tomas, Pedro Abelardo, já havia iniciado a metodologia conhecida como *scholastica disputatio*³, que consistia na leitura dos textos clássicos (*lectio*) fazendo uma exposição das principais ideias dos mesmos (*expositio*) motivando a participação dos alunos em sala de aula (TEIXEIRA,

² Para saber mais da vida de Tomás de Aquino ler: NASCIMENTO (2011)

³ Lugar de discussão; buscar mais informação.

2016, p. 36). Seu método influenciou a Escolástica mudando algumas concepções autoritárias da Igreja e posteriormente, no século seguinte, o filósofo Tomás de Aquino utilizou dessa metodologia para buscar a verdade através de debates, questões e possíveis soluções como observamos na sua obra máxima *Suma Teológica*. Esse método que acabou estimulando as Universidades da Europa, como a de Paris, por exemplo.

O método apresentado por Tomás proporcionava ao aluno, compreender e buscar soluções/respostas através dos debates (*disputatio*) sobre as dificuldades enfrentadas pela sociedade na época, por isso o mestre respondia e fazia observações com base na exposição/dúvidas dos alunos a fim de que eles elaborassem hipóteses, possíveis argumentos e contra-argumentos. (TEIXEIRA, 2916, p. 43).

Podemos aqui antecipar uma comparação do pensamento de Tomás com o de Paulo Freire ao percebermos uma promoção da educação com uma pedagogia em sintonia com a modernidade e em resposta aos desafios da sociedade de seu tempo (JOSAPHAT, 2016, p. 23). Ambos advêm de um pensamento a frente do seu tempo, buscando entender os desafios do seu tempo e respostas que encontravam ao longo de suas caminhadas. Cada um a seu modo, Tomás abalando a cristandade medieval e Paulo revolucionando o processo de ensino-aprendizagem com sua crítica a escola tradicional (JOSAPHAT, 2016, p. 34).

Tomás recebe grandes contribuições dos escritos filosóficos aristotélicos e dos árabes, buscando uma harmonização com a revelação cristã. Tenta ao mesmo tempo, cultivar uma teologia bíblica, mas recorrendo aos filósofos pagãos e muçulmanos para elaborar sua teologia (LUAND, 1999, p. 2-3). Mesmo com a declaração do papa Gregório IX à Universidade de Paris, em 1228, advertindo dos riscos de novas ideias, que seria a rejeição da filosofia aristotélica na cristandade⁴, pois a que vigorava era a corrente filosófica platônica e neoplatônica. Mas Tomás não se abateu e manifestou seu carisma na lucidez dessa nova filosofia, fatores culturais esses decisivos para a civilização⁵, sua complexidade e pluralidade de ideias, viabilizando o estudo e a oportunidade da instituição destinada a ela, a universidade (JOSAPHAT, 2016, p. 45).

⁴ “Aliás, antes mesmo da queda de Roma, o pensamento aristotélico era visto pelos cristãos como algo estranho e alheio à resta doutrina: parecia demasiado ‘materialista’ em comparação com o espiritualismo de Platão, em aparência mais próximo do cristianismo. Foram somente os hereges nestorianos que cultivaram as teorias aristotélicas, e quando o Concílio de Éfeso condenou a cristologia de Nestório, em 431, os seus seguidores – agrupados principalmente em torno da escola de Edessa, na Síria – refugiaram-se na Pérsia, levando consigo as obras de Aristóteles e outros textos de matemática, medicina e outras ciências gregas.” (LAUAND, 1999, p.13).

⁵ “A Cristandade – há séculos sitiada pelo Islã e, agora, ameaçada pelas hordas asiáticas – encontra-se na condição de ser um pequeno grupo no meio de um imenso mundo não-cristão. Não se trata só de limitações bélicas ou de fronteiras: há muito tempo o mundo árabe se tinha imposto, não só pelo poderio político-militar, mas também por sua filosofia e ciência. Estas, mediante traduções, tinham penetrado na Cristandade e em seu centro intelectual: a Universidade de Paris. Se essa filosofia e ciência não eram, em boa medida, muçulmanas, eram, ao menos, algo novo, estranho, perigoso, pagão”. (LAUAND, 1999, p.5)

Nessa situação em que Tomás se encontra, ele vê-se no meio de dois “partidos” que são formados na Universidade de Paris: “O dos que se afeiram à tradição teológica e menosprezam a investigação racional do ‘mundo’ e o dos que, fascinados com as possibilidades da razão, consideram a teologia algo ‘não interessante’.” (LUAND, 1999, p. 15). Aqui Tomás será alvo desses dois grupos, pois abraçará com grande brilhantismo a “união” dessas duas correntes de se pensar a razão e a fé ou a filosofia e a teologia, sendo muitas vezes incompreendido. Mas sua execução se fará de tal modo, que seu reconhecimento tornar-se-á inevitável. Mediante suas questões disputadas, Tomás desenvolverá seu modelo pedagógico de ensino aprendizagem, tornando-se assim, uma das características basilares de sua filosofia.

“A *quaestio disputata* [...] integra a própria essência da educação escolástica: ‘Não era suficiente escutar a exposição dos grandes livros do pensamento ocidental por um mestre; era essencial que as grandes ideias se examinassem criticamente na disputa’” (LAUAND, 1999, p. 15). Essa disputa será de grande valia nas elaborações das respostas para grandes problemas filosóficos e teológicos valorizando todo o tipo de conhecimento e sua origem. Desse modo, Tomás quer com sua filosofia arquitetar todo o tipo de argumentação contrária e a favor de um problema filosófico/teológico para assim conseguir elucidar uma resolução para tal questão como observamos em suas obras. Na universidade medieval⁶ nenhum argumento era recusado, e por ser desse modo, na prática, obrigava à consideração da temática sob um ângulo universal, sendo o espírito da *disputatio*, o espírito da universidade (PIEPER *apud* LAUAND, 1999, p. 17).

Tomás realmente se preocupava em querer entender a argumentação do mundo pagão, contrário ao cristianismo, respeitando seu adversário, pois para ele era necessário todo o conhecimento formado e discutido para ser ter uma verdade franca e objetiva sobre determinado tema. Tanto que objeto de sua preocupação era a relação de ensino aprendizagem da doutrina, pois no prólogo da *Suma Teológica* o mesmo apresenta certa preocupação ao afirmar que os “noviços padecem muito pela repetição frequente dos mesmos temas, o que gera no espírito dos ouvintes cansaço e confusão.” (TOMÁS DE AQUINO, *apud* JOSAPHAT, 2016, p. 69).

Pensar então: no que consiste o ensino e a aprendizagem? Em sua obra *De Magistro: Sobre o mestre*, que está no corpo das *Questões Disputadas sobre a Verdade*, Tomás refletirá sobre como pode o mestre ensinar algo ao discípulo.

⁶ “Weisheip procura descrever esse cotidiano da universidade medieval: ‘Parece que no primeiro dia da disputa, quem respondia (*respondens*) era um bacharel [...] A função do bacharel em todas as disputas era responder às objeções, provindas do público (e na ordem em que eram apresentadas), sobre o tema proposto pelo mestre. Possivelmente, era tarefa dele também apresentar os argumentos *sed contra*, mas disso não podemos estar certos. Na medida em que cada objeção era proposta e refutada pelo bacharel, um escrivão tomava nota dos argumentos e das réplicas. A disputa continuava deste modo, percorrendo todos os pontos indicados pelo mestre. [...] No dia seguinte, depois de considerar cada um dos argumentos pró e contra, o mestre dava sua *determinatio* ou solução a toda a questão: está solução seguia a ordem do dia anterior, isto é, a dos artigos. Frequentemente, o mestre seguia as ‘respostas’ dadas por seu bacharel’”. *Ibid.* p.18.

Adiantando a conclusão tomista, o papel do mestre é subalterno ao verdadeiro princípio ativo da aquisição do conhecimento do estudante, uma vez que, à sua inteligência que pensa e que repensa, o que o mestre lhe propõe mediante ao simples instrumento de suas palavras e recursos pedagógicos, estabelecendo o papel auxiliar ao mestre e a função prioritária e ativa ao discípulo (*Ibid*, p. 70).

No momento não iremos nos debruçar na obra elaborada por Tomás para percorrer todo o caminho que ele percorreu para concluir sua posição acerca da teoria da aprendizagem, mas iremos nos deter brevemente em alguns conceitos expostos pelo autor na brilhante introdução que Maurílio J. O. Camello fez da referida obra. Camello já nos apresenta uma definição bem clara que para Tomás “ensinar é iluminar”. Diante de tal metáfora, ele quer nos apresentar que Tomás apresenta esse pensamento pela expressão “*o lumen infusum, lumen rationis*”, tratando de se encontrar a verdade, a claridade é sinal de iluminar para ser ter o processo de ensino e apreensão da ciência. A verdade tanto para Agostinho quanto para Tomás atuam sobre nós, de certo modo, “impressas”.

Para Tomás, Deus age por causas segundas, ou seja, infundindo o “*lumen rationis* que leva o intelecto à apreensão certa dos princípios que possibilitam – ‘iluminam’ por sua vez – as conclusões” (CAMELLO, 2000, p. 11). E, o papel do docente frente a esse processo de ensino seria o de participar externamente e analogicamente dessa iluminação, como vemos nesse argumento desenvolvido por Tomás:

Se o homem é verdadeiramente docente, convém que ensine a verdade. Ora, todo aquele que ensina a verdade, ilumina a mente, pois a verdade é a luz da mente. Logo, o homem iluminará a mente se ensinar. Ora, isso é falso, uma vez que Deus é ‘o que ilumina a todo homem que vem a este mundo’ (Jo. 1, 9). Logo, não pode verdadeiramente ensinar a outro. (CAMELLO, 2000, p. 11).

Como observado na argumentação desenvolvida por Tomás, não é verdadeiro que o docente ensina algo, pois a verdade vem de Deus, mas cabe ao docente levar ao discente a esse conhecer que continuará na argumentação. “Verdadeiramente pode-se dizer que o homem é verdadeiro mestre, que ensina a verdade e ilumina a mente, não infundindo o lume à razão, mas ajudando o lume da razão para a perfeição da ciência, por meio daquelas coisas que propõe exteriormente.” (CAMELLO, 2000, p. 12). Observamos aqui que o docente tem um papel importante que é o de oferecer sinais para o outro a fim de que o auxilie na verdade infusa, podendo afirmar que ensinar é a mediação dos sinais, papel esse incumbido ao docente⁷. Logo, o docente tem o papel de estimular o intelecto do discípulo a que passe de potência ao ato. Podemos perceber como a metodologia das questões disputadas se faz presente e aplicada na prática desse estímulo feita

⁷ Nesse momento seria interessante fazer um breve desenvolvimento da teoria do conhecimento de Tomás para apresentar elementos necessários do ato de conhecer, mas o objetivo do artigo é elucidar metodologia do ensino de Tomás e não propriamente como se dá o conhecimento.

na relação entre docente e discente. E nos adiantando podemos refletir a prática de Paulo Freire que também partindo do sujeito que aprende ele dialoga com os saberes apresentados por seus alunos.

Por fim, o mestre para Tomás é aquele que age externamente, com sua linguagem, a fim de, estimular o discípulo, a atualizar sua inteligência. Poderia se pensar: Mas se não é o mestre que causa a verdade no intelecto do aluno, por que a figura do mestre? Seria possível um autodidatismo? Tomás até aceita a ideia de um aluno autodidata, todavia ele apresenta a necessidade do mestre. “É claro que adquirir ciência por invenção é mais perfeito do ponto de vista de quem a recebe, enquanto se mostra mais hábil para conhecer, mas da parte do que causa a ciência o modo mais perfeito é por meio do ensinamento” (TOMÁS DE AQUINO *apud* CAMELLO, 2000, p. 17). Camello (2000, p. 17) entende então que “o agente ‘autodidata’ não é perfeito, porque parte dele está apenas em potência para saber.” O mestre pode mais expeditamente induzir à ciência do que alguém que é induzido por si mesmo, pois a carência do método e o pouco controle dos resultados é uma das consequências de um processo de auto-ensino ou autodidatismo.

PAULO FREIRE

Passada esse breve explanação sobre a filosofia e o método de Tomás de Aquino vamos avançar alguns séculos e nos debruçarmos sobre a metodologia de Paulo Freire para analisarmos suas convergências com o modo de ensino do pensamento escolástico. Sabemos de Freire, um educador do século XX, foi um grande defensor da educação integral do ser humano e teceu severas críticas ao modelo tradicional de ensino, que exposto por ele seguia um modelo de transmissão de conteúdos e em nada contribuía para a formação integral de ser humano. Para Freire o aluno deveria construir seus próprios pensamentos, e o papel do professor era de ser esse mediador do conhecimento e não sua causa, reprovando assim, os métodos de imposição do professor que não exercia sua função para ensinar, mas sim convencer.

Vale ressaltar que Paulo Freire vem de um contexto histórico complexo acerca do tema da educação. Na primeira metade do século XX houve duas guerras mundiais, na qual os direitos humanos foram questionados. No Brasil, na segunda metade do mesmo século, se começa uma abertura para uma democratização baseado em uma cultura mediante uma educação humanista e popular (GONDINI, 2014). Nesse contexto Freire já nos demonstra a linha divisória da educação, entre: opressores e oprimidos, dominadores e dominados, sendo essa opressão não apenas retratada em forma de injustiças, desigualdades e exclusão, mas sim todo um projeto de mundo, atividades, relações e organizações sociais, significando a educação para Freire um caminho possível de ascensão dentro do sistema como instrumento de contestação (JOSAPHAT, 2016).

Diante desse cenário podemos recorrer às semelhanças entre os dois pensadores que propomos expor. Ambos compreendem e criticam os sistemas de educação de seu tempo e buscam propostas lúcidas de inovação para o seu tempo. Precisando pensar em como realizar uma educação integral nas novas condições culturais e sociais que lhe são apresentadas (JOSAPHAT, 2016). Ora, podemos observar em Tomás uma grande questão filosófica que envolve a teoria do conhecimento e a relação do ensino aprendizagem: Como encontrar e propor à sociedade um novo paradigma de sabedoria? Tomás assim o fez com as questões disputadas, fruto do momento histórico no qual vivia. Semelhante ao método escolástico, o método libertador de Paulo Freire,

É um modelo, bem inserido numa realidade concreta, regional e histórica, e manifesta assim uma absoluta necessidade humana, portanto universal. Ele é o exemplo eminente de uma busca do conhecimento o mais exato, baseado na análise sistêmica da sociedade, em uma atitude crítica bem aplicada e articulada. (JOSAPHAT, 2016, p. 125).

Do mesmo modo como fizemos com Tomás, não é nosso objetivo nos debruçarmos detalhadamente nas obras de Paulo Freire, mas iremos retomar alguns conceitos para elucidar as convergências apresentadas entre os dois filósofos e suas metodologias. Na *Pedagogia do oprimido*, Freire apresenta um conceito fundamental de seu método que é conscientização. A conscientização em Freire⁸ “é uma atitude humana que ultrapassa a esfera da realidade, pois, para se chegar a uma visão crítica da realidade, o homem deve assumir uma posição de constante busca pela transformação” (GONDINI, 2014, p. 39). A conscientização possibilita ao homem perceber sua condição de oprimido podendo conquistar sua liberdade e transformar sua condição real, gerando assim, uma prática para a libertação (GONDINI, 2014).

A crítica que se seguirá na *Pedagogia do oprimido* e que é de grande interesse nossa e objeto de estudo do nosso artigo será a crítica feita por Freire da chamada concepção “bancária” da educação. Ele demonstra que a relação entre educador e educandos está dentro do sistema de opressor e oprimido, no qual o papel do professor seria apenas de “depositar” conteúdos aos discentes de forma narrativa e os estudantes apenas com sujeitos passivos e ouvintes.

Para elucidarmos melhor o pensamento freireano sobre a “educação bancária” ele elenca alguns pontos de como é a relação do educador e do educando:

⁸ Interessante destacarmos que esse conceito Freire atribui a Dom Helder por tê-lo apresentado. “Acredita-se geralmente que sou autor deste estranho vocábulo ‘conscientização’, por ser este o conceito central das minhas ideias sobre educação. Na realidade, foi criado por uma equipe de professores do Instituto Superior de Estudos Brasileiros por volta de 1964. [...] Mas foi Helder Camara quem se encarregou de difundir-la e traduzi-la para o inglês e o francês”. (FREIRE, 1979. p. 25).

- a) O educador é o que educa; os educandos, os que são educados;
- b) O educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem;
- c) O educador é o que pensa; os educandos, os pensados;
- d) O educador é o que diz a palavra; os educados, os que a escutam docilmente;
- e) O educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados;
- f) O educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição;
- g) O educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador;
- h) O educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele;
- i) O educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele;
- j) O educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos. (FREIRE, 2018, p. p. 82-83).

Ora, se analisarmos o que Paulo Freire está criticando podemos notar uma semelhança na crítica feita também por Tomás de Aquino no século XIII. No modelo escolástico, pelas questões disputadas, os educandos tem sua autonomia nos debates e recebem de diversas fontes informações para debaterem. O debate não se faz com a pessoa, mas sim com o conhecimento que está sendo posto para ser debatido. O professor é apenas mediador, apesar de que, como vimos, o mestre no final oferece uma solução para o problema, mas baseada nas respostas oferecidas pelos alunos. E da semelhança com Tomás, Freire apresenta que para ir contra essa prática bancária, é necessária uma educação problematizadora, educação esta que exercita a prática da liberdade.

Deste modo, o educador problematizador re-faz, constantemente, seu ato cognoscente, na cognoscitividade dos educandos. Estes, em lugar de serem recipientes dóceis de depósitos, são agora investigadores críticos, em diálogo com o educador, investigador crítico, também. Na medida em que o educador apresenta aos educados, como objeto de sua 'ad-miração', o conteúdo, qualquer que ele seja, do estudo a ser feito, 're-ad-mira' a 'ad-miração' que antes fez, na 'ad-miração' que fazem os educandos. [...] Quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio. (FREIRE, 2002, p. 97-98).

Corroborando a tese na *Pedagogia do oprimido*, na obra *Pedagogia da autonomia*, Freire vem apresentar sobre o papel e a formação do docente na relação ensino aprendizagem. Ele mostra através de vários capítulos como que o ensino deve ser ministrado e como o docente deve se portar frente a esse ensino. A famosa expressão “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou a sua construção” vem dessa obra. Tanto o educador como o educando tem sua formação permanente e ambos dialogando com o objeto de conhecimento. Logo, não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino (FREIRE, 2002, p. 32).

“O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos (FREIRE, 2002, p. 96). Ora, é justamente essa posição que Tomás também assume na universidade, a de se abrir para o novo, buscar as novas filosofias e debater com elas. Ambos, Tomás e Freire, reconhecem a importância da inteligência. A função de conhecer em comunhão com a realidade do mundo, das pessoas e das coisas. E, mesmo vindo de contextos sociais e culturais diferentes, ambos enxergam a absoluta necessidade dos estudos como exigência primordial para a realização do ser humano integral (JOSAPHAT, 2016, p. 132-133).

Para Tomás a educação não deveria ser um privilégio social, pois todo ser humano é essencialmente educável, logo ela é de direito natural e universal. Do mesmo modo, Freire reafirma a educação para todos.

Tomás funda essa certeza na consideração de uma antropologia realista, que se exprime nas categorias do hilemorfismo aristotélico, do ato da potência, compreendido e proposto como evidência comum. O ser humano é um feixe complexo de virtualidades cuja plena efetivação levará à necessária realização do ser humano adulto. Este será capaz então capaz de agir racional e eticamente. (JOSAPHAT, 2016, 135-136).

CONCLUSÃO

Ao fim de nossa análise desses brilhantes pensadores, percebemos que mesmo com séculos de distância seus métodos e objetivos se assemelham diante do contexto histórico em que viveram. Tomás penetrando lentamente nas universidades e se afirmando como Doutor da Igreja, visto como defensor da ortodoxia, mas condenado logo após sua morte por ter introduzido o aristotelismo na doutrina cristã. Olhando superficialmente a vida de Tomás poderíamos dizer que ele foi mais um de vários Doutores da Igreja que defenderam seus dogmas com uma filosofia sistemática e nada dialógica ou aberta para quem quisesse contestar sua argumentação, sendo fiel a tradição e a transmissão da ortodoxia, mas quando analisado a fundo sua história e filosofia, sua carreira e obras se apresentam como inovadoras e contestatórias da ortodoxia crescente da cristandade feudal (JOSAPHAT, 2016, p. 140).

Podemos apontar uma distinção entre os dois autores, pois Tomás, ao contrário de Paulo Freire, não se engajou na realidade cultural, econômica e política do seu tempo. “Sempre permanece no plano doutrinário, não propondo projetos ou modelos imediatos de ação, inscritos na condição de seu tempo, embora se empenhe em oferecer todos os elementos para o discernimento e a formação desses modelos de ação.” (JOSAPHAT, 2016, p. 177). Mas como metodologia da relação de ensino aprendizagem, podemos dizer que Freire faz um resgate desse modelo dialógico também já apresentado anteriormente por outros filósofos, como Sócrates, Platão, Pedro Abelardo, Agostinho, mas bem sistematizado nas universidades medievais. Denotando a grande importância de se pensar a metodologia de ensino para se pensar sobre o verdadeiro educar.

REFERÊNCIAS

- CONDINI, M. **Fundamentos para uma educação libertadora** – Dom Helder Camara e Paulo Freire. São Paulo: Paulus, 2014. (Coleção Educação superior)
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 66. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- JOSAPHAT, C. **Tomás de Aquino e Paulo Freire: pioneiros da inteligência, mestres geniais da educação nas viradas da história**. São Paulo: Paulus, 2016 – Coleção Dialogar.
- NASCIMENTO, C. A. R. do. **Um mestre no ofício: Tomás de Aquino**. São Paulo: Paulus, 2011.
- REALE, G. **História da Filosofia: patrística e escolástica**. v. 2. Tradução Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003.
- TEIXEIRA, C. M. **O método de ensino na Universidade Medieval e na atualidade, uma proposta de aproximações sem oposições: os casos de Pedro Abelardo, Tomás de Aquino e Paulo Freire**. Monografia. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Filosofia, 2016.
- TOMÁS DE AQUINO, S. **De Magistro: Sobre o mestre**. Questões disputadas sobre a Verdade, XI. Intro, trad e notas por Maurílio J. O. Camello. UNISAL – Centro Universitário Salesiano de São Paulo – U.E. Lorena – 2000.
- _____. **Verdade e conhecimento**. Tradução, estudos introdutórios e notas de Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Recebido: 10/03/2019

Aceito: 03/08/2019